

R U Y F A B I A N O

Coluna Presidencial
Alianças e perspectivas

A presença no Brasil do escritor mexicano Jorge Castaneda, um estudioso do pensamento da esquerda latino-americana, estimula reflexões oportunas. Castaneda vem lançar um livro, "Utopia desarmada — dilemas e promessas da esquerda latino-americana", uma análise da trajetória (e dos fracassos) no continente das forças esquerdistas, dos anos 60 para cá.

O PT é, neste momento, o mais importante partido de esquerda do continente. Delfim Netto diz, com ironia, que é o último partido de esquerda do planeta. Sua vitalidade no Brasil é prova de que o pensamento esquerdista não morreu e ainda alimenta projetos e utopias de milhões de pessoas.

Mas sua incapacidade crônica de conquistar o poder pelo voto prova também a ineficácia da ação solitária — e sectária. É Castaneda quem afirma: "A esquerda sozinha nunca será capaz de tirar o atraso do subdesenvolvimento". Essa é, segundo ele, uma das lições mais fecundas da tragédia de Cuba. Sua receita: pragmatismo e política de alianças, para dar substância e concretude às reformas, no menor prazo possível.

Suas observações, transpostas para o quadro eleitoral brasileiro, encontram sintonia com o pensamento de Fernando Henrique Cardoso. Também ele defende a importância das alianças como meio de dar consistência e velocidade a um projeto de reformas. Sua sempre criticada ligação com o conservador PFL é justificada do ponto de vista pragmático: para o pensamento progressista (no caso, o do PSDB), representa um ganho em eficácia operacional; para o pensamento conservador, um ganho em conteúdo social.

Mais: Fernando Henrique sustenta que não foi ele que deu uma guinada à direita, em busca de apoio conservador, mas os conservadores que, sem alternativa, caminharam para a esquerda, em busca de sobrevivência política. A aliança, pois, representa um avanço, pois impõe aos setores mais atre-

dos da política brasileira compromissos com bandeiras importantes, como a justiça social e a cidadania, antes restrita aos guetos de esquerda.

Em que outras circunstâncias seria possível impor a um latifundiário da UDR compromisso com a reforma agrária? Ou firmar com um banqueiro, como Jorge Bornhausen, pacto em torno do fim da ciranda financeira? Possivelmente só em guerra civil. A aliança com o PSDB é o reconhecimento, por parte das forças conservadoras, de que o projeto de poder que conceberam fracassou. E ainda: ou avançam ou serão atropeladas pelas reformas.

Fernando Henrique quer realizar, no poder, a máxima getulista, segundo a qual a melhor receita para um governo progressista é um ministério conservador — e vice-versa. Cogita de incluir em sua equipe gente do próprio PT e não será surpresa se, na sequência imediata das eleições, vier a abordar o próprio Lula. A idéia é tornar o arco das alianças o mais amplo possível e quebrar a unidade oposicionista.

No caso do PT, não será tão difícil, na medida em que a campanha eleitoral tem produzido pesadas divergências internas. A ala moderada petista, com a qual Lula mais se identifica — e que de fato reúne as melhores figuras do partido —, terá dificuldades de continuar convivendo com as facções xiitas.

A tolerância subsiste enquanto há perspectiva de poder. Uma vez definido o quadro, de vitória ou derrota, a tendência entre moderados e exaltados é a do rompimento. Como dizia, ao tempo do Império, o senador José Thomaz Nabuco, sem os exaltados (os xiitas) não se faz a revolução, mas com eles não se governa. Superado o episódio eleitoral, Lula e Fernando Henrique estarão mais próximos um do outro do que talvez presentemente possam suspeitar.

26 SET 1994

CORREIO BRAZILIENSE